

O TEATRO COMO ESPAÇO DE DISCUSSÃO DO COTIDIANO – UM ENSAIO FOTOGRÁFICO DO ESPETÁCULO “GRETA GARBO, QUEM DIRIA, ACABOU NO IRAJÁ”

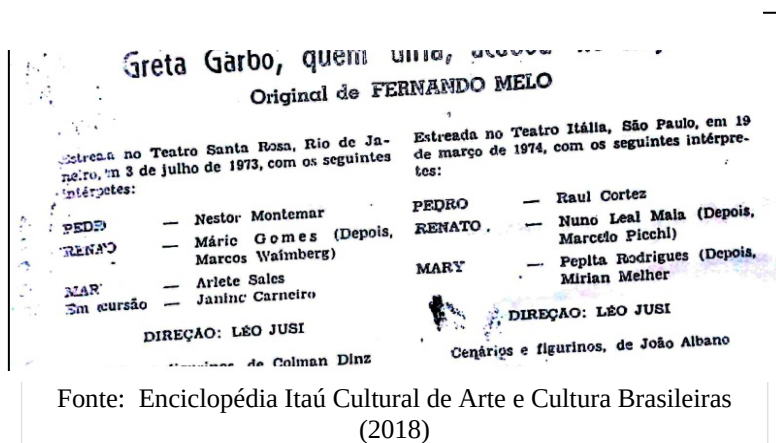
Cristian Leandro Metz¹

"A finalidade de representar, tanto no princípio quanto agora, era e é oferecer um espelho à natureza; mostrar à virtude seus próprios traços, à infâmia sua própria imagem, e dar à própria época sua forma e aparência".
(HAMLET, Ato III, cena II)

CONTEXTUALIZANDO A MONTAGEM DE “GRETA GARBO, QUEM DIRIA, ACABOU NO IRAJÁ”

“Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá” é um texto dramático escrito por Fernando Melo na década de 1970, momento em que o Brasil vivia o auge da ditadura militar (1964 – 1985). O texto enquadra-se numa dramaturgia naturalista² e aborda, principalmente, a questão da solidão gay na metrópole carioca; além disso, traz à baila o debate sobre a drogadição e a prostituição.

Figura 1 - Ficha técnica da primeira montagem do espetáculo “Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá”



A primeira montagem do espetáculo, realizada em 1973 no Rio de Janeiro, contava com Nestor de Montemar (no papel de Pedro), Mário Gomes (Renato) e Arlete Sales como Mary.

A trama, escrita em 3 atos, acontece toda dentro do apartamento de Pedro, que fica no bairro do Irajá, subúrbio da cidade do Rio de Janeiro e é definido, já no início do texto, como

¹ FEEVALE, Brasil

² Conforme Meyerhold (1969: 15), “o princípio fundamental do teatro naturalista é a reprodução exata da natureza” (nota do autor).

sendo “o barroquismo da cafonice”; esta personagem é um homossexual, que exerce a profissão de enfermeiro, tem entre 40 e 45 anos e assume, subjetivamente, Greta Garbo, atriz sueca de muito sucesso na cena cinematográfica de Hollywood nas décadas de 1920 e 1930. Pedro costuma “badalar”³ pela Cinelândia em busca de relacionamentos fortuitos e episódicos, sem maior envolvimento afetivo. Em uma noite chuvosa de sábado, voltando de uma festa, encontra na Cinelândia o jovem Renato, rapaz do interior do estado do Rio de Janeiro, com 20 anos de idade e que vinha para a cidade com o intuito de fazer medicina na faculdade.

O drama de Renato começa quando ele encontra Mary, uma prostituta que o incentiva ao uso de drogas; levado, em sua ingenuidade, pela conversa dissimulada de Mary (que diz que era virgem e que havia sido expulsa de casa), os dois acabam passando noites juntos em uma hospedaria até que, ao acordar, Renato percebe que foi ludibriado por Mary que lhe leva seu dinheiro e seus documentos. Sem rumo, Renato termina na Cinelândia onde acaba por conhecer Pedro que o leva para casa; Renato passa a ser sustentado por Pedro, num relacionamento abusivo sustentado por chantagens e exploração, reencontra e firma compromisso com Mary e termina o espetáculo viciado em álcool e nos remédios que Pedro rouba do hospital onde trabalha.

A montagem a que este ensaio fotográfico apresenta é realizada pelo grupo Luminarte da cidade de Novo Hamburgo/RS com autorização da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), sociedade sem fins lucrativos que regula, arrecada e distribui os direitos autorais de seus associados. O espetáculo “Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá” tem no elenco desta montagem os atores Antonio Lima (Pedro) e Gabriel Dieter (Renato) e a atriz Margarete Scherer que, além de interpretar a personagem Mary também dirige a peça.

O desejo de montar “Greta Garbo” é antigo para o ator Antonio Lima:

Assisti o espetáculo quando eu tinha 14 anos em um Festival de Teatro aqui em Novo Hamburgo. Naquela época eu já fazia teatro e conhecia as pessoas que trabalhavam no teatro. Precisei me esconder entre a sessão infantil da tarde e a sessão adulta da noite dentro do teatro pois eu não poderia assistir o espetáculo, que era proibido para menores de 18 anos. No elenco estavam os atores Nilton Filho, no papel do Pedro e o Carlos Paixão, no papel do Renato. A atriz que interpretava a Mary era a Rosa Maris. Me encantei com o espetáculo e com a história... e aquilo não saiu mais da minha cabeça! Em 2015, 38 anos após ter assistido a montagem no Festival de Teatro, fui procurar no site da SBAT se o texto estava liberado para montagem... e estava! Conseguimos os direitos autorais e, desde 2015, estamos apresentando Greta Garbo (Trecho da entrevista com Antonio Lima em 10 de outubro de 2018).

³ Freqüentar eventos e/ou lugares, geralmente para se exibir às demais pessoas (nota do autor).

A montagem do espetáculo já rendeu ao grupo Luminarte diversas premiações nos festivais de teatro que já participaram: Melhor Espetáculo Adulto, Melhor Ator (Antonio Lima), Melhor Ator Coadjuvante (Gabriel Dieter) e Melhor Atriz (Margarete Scherer) no XVIII Festival Internacional “Rosário EnCena” na cidade de Rosário do Sul (2017); Melhor Ator (Antonio Lima) e melhor cenografia (Cristian Metz) no 2º Festival Estadual de Teatro do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/2017); Melhor Ator (Antonio Lima), Melhor Ator Coadjuvante (Gabriel Dieter) e Melhor Atriz Coadjuvante (Margarete Scherer) no 17º Festival Itaquense de Teatro (Itaqui/2018) além de diversas indicações técnicas (cenário, figurino, maquiagem, iluminação, trilha sonora, sonoplastia) e de melhor direção.

O ESPETÁCULO NARRADO POR IMAGENS – UM ENSAIO FOTOGRÁFICO DE “GRETA GARBO, QUEM DIRIA, ACABOU NO IRAJÁ”

A narrativa visual compõe uma das técnicas do método etnográfico e foi utilizada, primeiramente, por Malinowski (em sua obra *Os argonautas do Pacífico Ocidental*, publicado em 1922) e posteriormente Bateson & Mead fizeram uso do recurso para lançar “*Balinese Character - A photographic analysis*”⁴. Segundo Achutti (2004) a fotografia e a antropologia nasceram em tempos próximos e com preocupações parecidas; ambas dedicaram atenção à compreensão da vida do homem e as características do meio social e cultural. Corroborar Barbosa (2014, online) quando informa:

Se a imagem fotográfica e a antropologia nascem praticamente juntas, durante o século XIX, é com a complexificação das formulações dos problemas, perspectivas e práticas antropológicas do século seguinte que a imagem e a antropologia começam um diálogo fértil, culminando com a consolidação de uma antropologia especificamente visual. A princípio, como nova possibilidade metodológica de registro do trabalho de campo, paulatinamente a imagem começa a se insinuar como linguagem capaz de contribuir para uma melhor comunicação intercultural e provocar novas questões que se desdobram em práticas antropológicas variadas como as de Malinowski, Margaret Mead e Jean Rouch.

Segundo Achutti (2004) a narrativa visual é uma técnica onde se apresenta uma série de fotos que estejam relacionadas entre si e que componham uma sequência de informações visuais; esta série de imagens deve contemplar o olhar, quase sempre sem texto intercalado e explicativo que possa influenciar o leitor/expectador; contudo, nada impede que algumas informações escritas sobre aquilo que está sendo apresentado em forma de imagens possa ter sido informado, anteriormente, aqueles que vão mergulhar na narrativa visual.

Com base no que propõe Samain (2012) podemos perceber a narrativa visual e, principalmente as imagens como “formas que pensam”, isto é, como formas que portam pensamentos que integram circuitos dos quais a própria imagem participa; a imagem nos faz pensar.

A imagem é uma “forma que pensa” na medida em que as ideias por ela veiculadas e que ela faz nascer dentro de nós – quando as olhamos – são ideias que somente se tornaram possíveis porque ela, a imagem, participa de histórias e de memórias que a precedem[...] (Samain, 2012: 33).

⁴ *Balinese Character - A photographic analysis* (1942) é considerada uma pesquisa fundante da antropologia visual. Durante três anos, entre 1936 e 1939, desenvolveram um trabalho de campo na ilha do arquipélago banhado pelo Índico, que mudaria os rumos de uma antropologia, não apenas legitimada a partir da escrita e, sim, enriquecida pelo trabalho das imagens (nota do autor).

A seguir, apresento a narrativa visual do espetáculo “Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá”. As imagens são da fotógrafa Paula Simonaio e foram realizadas durante apresentação do espetáculo na sala Álvaro Moreyra, do Centro Municipal de Cultura de Porto Alegre/RS em maio de 2018.

PRIMEIRO ATO









**SERÁ QUE GRETA GARBO TEVE UMA VIDA TÃO ENROLADA QUANTO A
MINHA?**

SEGUNDO ATO





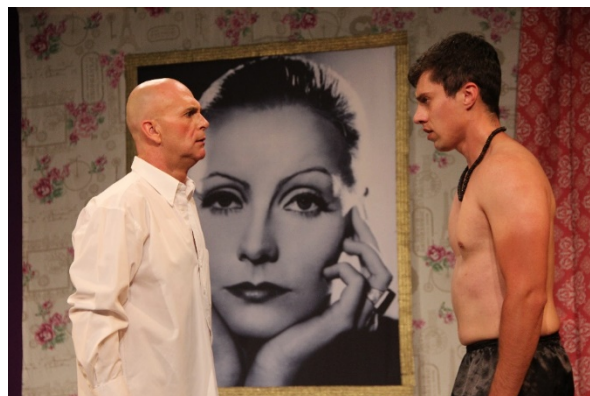


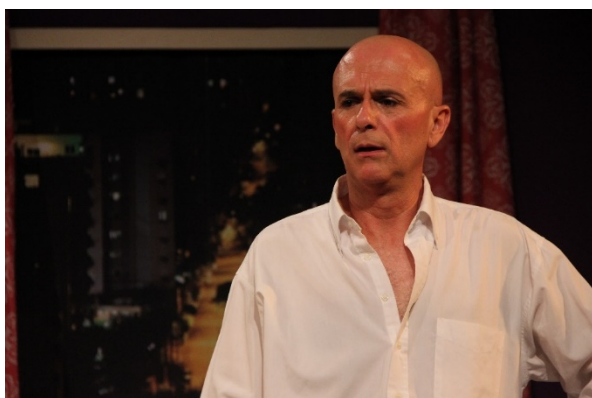




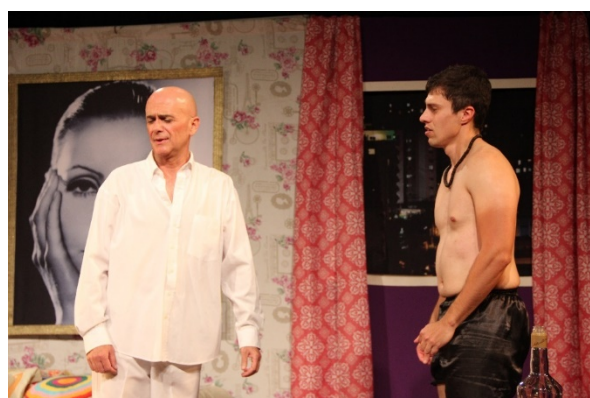
**SERÁ QUE GRETA GARBO TEVE UMA VIDA TÃO ENROLADA? SE TEVE,
COITADA DELA, COITADINHA!**

TERCEIRO ATO











**EU SÓ QUERIA SABER UMA COISA, MEU DEUS: SERÁ QUE GRETA GARBO
FOI TÃO DESGRAÇADA QUANTO EU? SÓ ISSO!**

REFERÊNCIAS:

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre: Editora da UFRGS: Tomo Editorial, 2004. 319 p.

BARBOSA, Andrea. **Imagem, Pesquisa e Antropologia**. *Cadernos de Arte e Antropologia* [online], Vol. 3, Nº 2 | 2014. Disponível em <http://journals.openedition.org/cadernosaa/770>. Acesso em 08 novembro 2018.

GRETA Garbo, Quem Diria, Acabou no Irajá. In: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento397522/greta-garbo-quem-diria-acabou-no-iraja>. Acesso em: 02 de novembro 2018.

MEYERHOLD, Vsevolod. Teatro naturalista e teatro de estados de alma. In "**Écrits sur le Théâtre**", **Tome I, La Cité - L'Age d'Homme**, tradução de Beatrice Picon-Vallin, Lausanne, pág. 95-104. Tradução de Roberto Mallet.

SAMAIN, Etienne. Como pensam as imagens. Campinas: Editora UNICAMP, 2012.

Recebido 22 de janeiro 2019

Aprovado 11 de fevereiro 2019